



A SOBREVIDA DO RICARDO REIS SARAMAGUIANO¹

THE LITERARY SURVIVAL OF THE SARAMAGUIANO RICARDO REIS

Juliana Prestes de Oliveira² (UFSM)

RESUMO

O trabalho aqui proposto tem como objetivo apresentar a investigação da obra *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984)³, do escritor português José Saramago. A análise teve como foco, principalmente, a elucidação de como se dá a figuração do protagonista Ricardo Reis (heterônimo do poeta Fernando Pessoa), e como tal modo serve para alimentar a sobrevivência dessa figura histórica da literatura de portuguesa. Para isso, realizamos o estudo do romance, especialmente do narrador e do protagonista, e a construção de sua figuração, no intuito de entender o formato humano da personagem, se permanece igual e constante durante todo o enredo, bem como, a partir disso, pensar a relação crítica da literatura com o contexto histórico-social. Nesse sentido, foi importante atentar para as perspectivas que aparecem e se relacionam na narrativa, interligadas à voz do narrador e das personagens, e as contribuições desses para a construção e a problematização da identidade do protagonista. Por meio da análise das trajetórias de Ricardo Reis, fundamentadas pelas teorias acerca do dialogismo, focalização, perspectivas e figuração dos personagens, dos pesquisadores Mikhail Bakhtin, Gérard Genette, Ansgar Nünning e Carlos Reis, respectivamente, pudemos traçar quem é essa personagem e a sua maneira de conviver com os outros e se posicionar diante do mundo, compreendemos melhor, enfim, as implicações temáticas desta produção romanesca em conexão com seu contexto histórico e literário.

Palavras-chave: Sobrevida. José Saramago. Ricardo Reis.

ABSTRACT

This work intends to investigate *O ano da morte de Ricardo Reis*, by Portuguese writer José Saramago's. The analysis's focus is mainly to elucidate the way which both protagonists' figuration is done Ricardo Reis (Fernando Pessoa's heteronym), and how it serves to feed the literary survival of these historical Portuguese figure literature. For this, we did the study of novel, looking specially for the narrator and the protagonist, and later his figurations, in order to understand the protagonist's human format, if they remain the same through the whole plot, as well as, through this, to think literature critical relation with the historical-social context. Thereby, it was important to pay attention to the perspectives that show up and are related in the narrative, interconnected to the narrators and characters' voices, and they contribute to the construction and the act of problematize of protagonist's identity. With the analysis of Reis' trajectories, based on the theories about dialogism, focalization, perspectives and characters' figuration, from the researchers Mikhail Bakhtin, Gérard Genette, Ansgar Nünning and Carlos Reis, respectively, we can define who are these protagonists, his ways to live among the others and to position himself into the world, we comprehend in a better way, by the end, the thematic implications of each novel's production in connection to their historical and literary contexts.

¹ Este trabalho é um recorte da dissertação intitulada *A sobrevida de Graciliano Ramos e Ricardo Reis nas ficções de Silviano Santiago e José Saramago*, aprovada pelo PPGLetras da UFSM e publicada na biblioteca da mesma instituição.

² Licenciada em Letras Português-Inglês pela UTFPR – Pato Branco e Mestre em Letras Literatura pela UFSM – Santa Maria. Atualmente é graduanda do Curso de Licenciatura em Teatro, acadêmica do Curso de especialização em TICs aplicadas à educação, modalidade EaD, o e doutoranda do Curso de Pós-graduação em letras Literatura, ambos os cursos pela UFSM.

³ Este é o ano de publicação da obra. Para a realização deste trabalho utilizou a edição publicada em 2001.



Keywords: Literary survival. José Saramago. Ricardo Reis.

1 INTRODUÇÃO

Ao pensarmos a relação do romance com o mundo, o que há por trás de cada enredo, de cada escolha autoral, bem como a independência do texto depois de escrito e, principalmente, depois de lido por alguém, percebemos como está envolvido em diálogo social, com a linguagem verbal, histórica ou ideológica de inúmeras gerações, formando uma rede complexa de vozes que se alimenta da atualização semântica e da variação de leituras de diferentes receptores. O ponto de vista privilegiado pelo leitor pode não ser aquele idealizado pelo romancista. Dessa forma, os narradores (e especialmente os personagens) acabam recebendo múltiplas refigurações e modalizações de significado. Quando o personagem é submetido a diferentes perspectivas, visões do mundo e contextos, migrando de uma obra para outra, essa abertura dialógica parece ainda mais ampla.

O romance *O ano da morte de Ricardo Reis* (2001), de José Saramago, foi um dos objetos que nos levaram a refletir sobre tais questões, em função de ficcionalizarem a vida de um personagem escritores conhecido e dialogar criticamente com contextos histórico ditatorial, recriando o passado a contrapelo e contribuindo para pensar o presente.

Mas por que o autor apropriou-se da vida e da história de um escritor tão renomado? A personagem permanece com as mesmas características, com uma imagem semelhante da já conhecida? Qual a relação dele com o novo contexto em que está inserido?

Instigadas por essas questões, mergulhamos na narrativa para investigar como se dá a figuração do protagonista e como Saramago contribui para alimentar a sobrevida de Ricardo Reis. Para isso, realizamos a análise da figura do narrador e do protagonista, no intuito de rastrear aproximações e afastamentos temáticos que facilitam entender o formato humano do protagonista, bem como, a partir disso, pensar a relação da literatura com o contexto histórico-social.

Para entender melhor como Ricardo Reis, personagem histórico foi reconfigurado por Saramago, e os possíveis significados envolvidos nesse processo, partimos de alguns pressupostos teóricos, que forma melhor desenvolvidos no primeiro capítulo da dissertação. Em nosso auxílio, está o conceito de dialogismo cunhado por Mikhail Bakhtin, na obra



Questões de literatura e de estética: teoria do romance (2010), em que revela como os romances são permeados de vozes sociais, em ligação com diferentes contextos e ideologias. Para entendermos como o romance se estrutura nos seus limites intrínsecos, principalmente quanto à narração e à focalização, realizamos o estudo da obra *Discurso da narrativa* (1995), de Gérard Genette. Ainda em relação a esses aspectos, complementamos nossa leitura com um viés alternativo, intermediário entre a posição estruturalista de Genette e a posição sociológica de Bakhtin, desenvolvido no ensaio “*On the perspective structure of narrative texts*”⁴ (2001) pelo pesquisador alemão Ansgar Nünning. Em relação às questões referentes à figuração e refiguração do personagem no decorrer do enredo, seguimos a sugestão do professor e pesquisador Carlos Reis, em “Pessoas de livro: figuração e sobrevida da personagem” (2014), acatando sua concepção de “figuração” para tratar das estratégias de elaboração dos personagens ficcionais, e o conceito de “sobrevida” para tratar da permanência autônoma dos personagens no imaginário do leitor e de sua circulação em diferentes textos e mídias.

A análise de *O ano da morte de Ricardo Reis* (2001) atentou para o modo como o enredo foi construído, para a relação entre narrador e protagonista e suas perspectivas, para os discursos que estão entrelaçados à trama e para a figuração do Ricardo Reis saramaguiano. Dentre as vozes que aparecem no romance de José Saramago, escolhemos a do narrador, uma vez que esse é um “[...] dos mais complexos que a ficção portuguesa tem conhecido e que igualmente merecia particular atenção” (SEIXO, 1999, p. 43), e a do protagonista Ricardo Reis – alvo principal da nossa análise – para examinar como a manipulação do foco contribui para o delineamento de Reis, e para qualificar a relação entre narrador e personagem na escrita de ficção.

2 O PROCESSO DE SOBREVIDA DE RICARDO REIS

Nessa obra de Saramago, o narrador é ausente como personagem da história. No entanto, ele é a fonte que garante e organiza a narrativa, analisa e comenta tanto a história quanto o próprio discurso, diz tudo o que é possível e ao mesmo tempo o menos possível,

⁴ „Sobre a estrutura da perspectiva de textos narrativos” (tradução nossa).



criando, assim, um jogo literário com efeitos semânticos singulares para a construção da imagem do protagonista e de suas ações. Sua versatilidade também atinge o aproveitamento das vozes das personagens, ora simplesmente narradas ou contadas pelas palavras do narrador; ora transpostas, em estilo indireto, quando o discurso se impõe com a autonomia de uma citação; ora mimeticamente reportadas, quando o narrador finge ceder a palavra à personagem; todas geralmente expressas sem o formato que a gramática tradicional exige para a apresentação do discurso alheio.

A partir desses pressupostos, investigamos o modo como Saramago configura o narrador do seu romance e como a perspectiva desse narrador contribui para a figuração do seu Ricardo Reis, uma vez que “[a] importância de detectar o autor da fala em certos momentos de uma narrativa está relacionada [...] à própria compreensão do texto, pois a relevância do discurso está diretamente ligada à autoridade de seu enunciador” (D’ONOFRIO, 2007, p. 55).

No início do romance, o narrador expõe as primeiras impressões de Reis quando desembarca em Lisboa:

O viajante olha as nuvens baixas, depois os charcos no terreno irregular, as águas da doca, sujas de óleo, cascas, detritos vários, e é então que repara em uns barcos de guerra, discretos, não contava que os houvesse aqui, pois o lugar próprio desses navegantes é o mar largo, ou, não sendo o tempo de guerra ou de exercícios dela [...] o viajante perguntou, [...] Por que estão na doca aqueles barcos, e o bagageiro respondeu [...] Ahn, é a doca da marinha, foi por causa do mau tempo (SARAMAGO, 2001, p. 15).

Nessa citação, é possível observar que o discurso da personagem é diretamente reportado pelo narrador, em estilo direto, mas ainda não conseguimos definir se o narrador é homo ou heterodiegético, apenas percebemos que se trata de um registro de fala narrativa em terceira pessoa, o que logo se definirá com clareza: o narrador não faz parte da história que conta, apesar de por vezes aproximar-se muito ou simular assumir o ponto de vista de personagens inseridas na história.

Ao apresentar o primeiro olhar de Ricardo Reis, o narrador permite perceber algumas características do personagem. Notamos, por exemplo, que ele apenas vê o cenário diante de si, mas não procura analisar o que mudou desde a sua saída. Mesmo no momento que constata algo incomum – os barcos de guerra atracados nas docas –, não chega a se questionar sobre



isso (tal como alguém realmente interessado no assunto o faria) nem mesmo a desconfiar do que estaria acontecendo, o que fica mais evidente no momento em que aceita a resposta simplória do bagageiro e encerra o caso.

O alheamento de Ricardo Reis em relação ao mundo, ou um certo despreparo para lidar com o real, também pode ser percebido na ausência de planejamento em relação a sua própria vida – noção sinalizada pelo comentário do narrador abaixo destacado – pois não sabia ao certo o que faria em Portugal, para onde iria, onde se hospedaria:

Para onde, e esta pergunta, tão simples, tão natural, tão adequada [...], apanha desprevenido o viajante, como se ter comprado a passagem no Rio de Janeiro tivesse sido e pudesse continuar a ser a resposta para todas as questões, mesmo aquelas, passadas, que em seu tempo não encontraram mais que silêncio, agora mal desembarcou e logo vê que não, talvez porque lhe fizeram uma das duas perguntas fatais, Para onde, a outra, e pior, seria, Para quê (SARAMAGO, 2001, p. 17, grifos nosso).

De tal passagem, depreendemos a perturbação do personagem ao ser interrogado, uma vez que nem ele havia se questionado a respeito do destino que tomaria em Lisboa. Reis está perdido em relação ao que deseja e sente-se incomodado quando é obrigado a pensar ou decidir sobre isso:

[...] a resposta chegou [...] ainda irresoluta, suspensiva, Para um hotel, Qual, Não sei, e tendo dito, Não sei, soube o viajante o que queria, com tão firme convicção como se tivesse levado toda a viagem a ponderar a escolha, Um que fique perto do rio (SARAMAGO, 2001, p. 17, grifos nosso).

Notamos que, nesses excertos, o narrador atua sobre a voz da personagem, tecendo comentários avaliativos, por vezes irônicos, que sugerem o despreparo da personagem diante de indagações tão ordinárias e seu desconforto por ter de decidir ou responder algo. Além do mais, o último comentário prepara a fala a seguir, ironizando a escolha de Reis, que, como seu “sósia” pessoano, continua situado à beira do rio.

Já nos trechos supramencionados, percebemos que o discurso do narrador não só relata a fala das personagens, como também as reproduz como se fossem suas, acrescentando a elas um novo tom, que as problematiza, subverte, ironiza. Disso percebemos o quanto se chocam, no discurso narrativo, a perspectiva do narrador e a de Reis, e o quanto a primeira é decisiva para a reconfiguração que Ricardo Reis ganha na narrativa de Saramago.



O personagem inicialmente é apresentado como alguém que apenas contempla o ambiente, mas não se apegua a detalhes, não percebendo diferenças entre a Lisboa da partida e a que reencontra em 1935. Isso fica subentendido na sua conversa com o taxista que o leva até o hotel:

[...] Há dezasseis anos que não vinha a Portugal, Dezasseis anos são muitos, vai encontrar grandes mudanças por cá, e com estas palavras calou-se bruscamente o motorista.

Ao viajante não parecia que as mudanças fossem tantas (SARAMAGO, 2001, p. 17).

Nesse mesmo excerto, indicia-se o autopolicimento do motorista ao evitar expor sua opinião sobre a situação do país, pois interrompe a fala de maneira “brusca”. Considerando que “[c]ada palavra evoca um contexto ou contextos [...]”; todas as palavras e formas são povoadas de intenções” (BAKHTIN, 2010, p. 100), esse autocerceamento permite supor a censura, o clima de proibição e medo que impera durante a ditadura salazarista.

Ao mesmo tempo em que, ao contar, sugere, de maneira sutil, o que estava acontecendo em Portugal, o narrador também revela, aparentemente sem limites, os pensamentos, sensações, sentimentos e percepções do protagonista. Desse modo, podemos dizer que esse narrador é onisciente e assume uma focalização zero: “[...] ele sabe o que se passa no céu e na terra, no presente e no passado, no íntimo de cada personagem” (D’ONOFRIO, 2007, p. 51); ele “[...] *diz* mais do que aquilo que qualquer personagem sabe” (GENETTE, 1995, p. 187, grifo do autor). No entanto, não podemos dizer que sua perspectiva é totalmente irrestrita, imparcial, como os termos “zero” ou “não focalizada” sugerem; pelo contrário, muitas vezes, o narrador utiliza-se da voz do personagem para tecer a sua própria crítica, ironizar a postura ou pensamento do personagem. Segundo Ansgar Nünning, a perspectiva do narrador é dotada de uma visão de mundo subjetiva que, aliada a do personagem, ajuda o leitor a construir a perspectiva estruturante do texto.

As incertezas acerca do que faria da sua vida estão muito presentes no Ricardo Reis durante o início da história, apesar de ele tentar camuflá-las. É perceptível duas imagens de Ricardo Reis, uma sugerida pela própria perspectiva da personagem, outra pela perspectiva do narrador. Ricardo Reis apresenta-se como uma pessoa que sabia o que faria em Lisboa. O narrador o apresenta como alguém que mente para esconder sua falta de planejamento e



engajamento. Ao revelar que Reis mentiu e que isso, até então, era algo que o personagem detestava, o narrador indica, em primeiro lugar, que está pressupondo a existência de um Reis anterior (e reenvia-nos ao mundo externo à obra); em segundo lugar, que o Ricardo Reis intradieгético seria diferente, em alguns aspectos, daquele criado por Fernando Pessoa. Assim, de certo modo, convida o leitor a ativar seus conhecimentos prévios sobre o personagem histórico e a alimentar a sobrevida de Ricardo Reis. A mesma dinâmica é sugerida na passagem abaixo citada:

[...] nome Ricardo Reis, idade quarenta e oito anos, natural do Porto, estado civil solteiro, profissão médico, última residência Rio de Janeiro, Brasil, donde procede, viajou pelo Highland Brigade, parece o princípio duma confissão, duma autobiografia íntima, tudo o que é oculto se contém nesta linha manuscrita, agora o problema é descobrir o resto, apenas (SARAMAGO, 2001, p. 21, grifo nosso).

O nome do personagem e alguns dados biográficos conhecidos do legado pessoano aparecem, pela primeira vez no romance, a partir do que Reis escreve de si no cadastro do hotel. Os comentários do narrador, no entanto, sugerem a parcialidade de tais dados e a necessidade de ampliar o conhecimento, descobrir aspectos ocultos, sobre a identidade de Ricardo Reis. Estaria ele sugerindo com isso a possibilidade de uma ampliação ou inversão da imagem do personagem histórico que Fernando Pessoa consagrou? Pelas passagens já citadas, compreendemos que a refiguração da personagem no romance depende especialmente do contraste entre a perspectiva da personagem sobre si mesmo e o mundo, e a perspectiva do narrador sobre as concepções da personagem. Percebemos que mais alguns detalhes sobre o protagonista podem ser encontrados nas intervenções realizadas pelo narrador.

Ao falar sobre o alheamento da personagem, , percebemos os vestígios irônicos do narrador, que debocha da postura da personagem diante do mundo, sugerindo sua falta de engajamento afetivo e reflexivo. Ideia essa resumida enfaticamente nos versos “Debaixo daquela arcada passava-se a noite bem”, que indicam ainda a inadvertida preferência da beleza poética à crueza do real. O narrador interrompe a apresentação dos pensamentos de Reis para revelar o “a mais, o resto” da vida de Reis, o que ele não escreveu no livro de registro do hotel. Na caracterização desse “novo” (e velho) Ricardo Reis, permanecem a apatia, a contemplação e a falta de engajamento do personagem pessoano, conforme exploradas por Saramago. Reis é retratado como alguém que esquece o mundo ao seu redor,



incapaz de deixar-se efetivamente atingido por aquilo que é externo, como a infelicidade que assola Lisboa.

Nas páginas seguintes, nos deparamos com o aspecto mais intrigante da obra, o contato de Ricardo Reis com a notícia da morte de Fernando Pessoa, publicada nos jornais:

Causou dolorosa impressão nos círculos intelectuais a morte inesperada de Fernando Pessoa, o poeta de Orfeu, espírito admirável que cultivava não só a poesia em moldes originais mas também a crítica inteligente, morreu anteontem em silêncio, como sempre viveu, mas como as letras em Portugal não sustentam ninguém, Fernando Pessoa empregou-se num escritório comercial, e, linhas adiante, junto do jazido deixaram os amigos flores de saudade. Não diz mais este jornal, outro diz doutra maneira o mesmo, Fernando Pessoa, o poeta extraordinário da Mensagem, poema de exaltação nacionalista, dos mais belos que se têm escrito, foi ontem a enterrar, surpreendeu-o a morte num leito cristão do Hospital de S. Luís, no sábado à noite, na poesia não era só ele, Fernando Pessoa, ele era também Álvaro de Campos, e Alberto Caeiro, e Ricardo Reis, pronto, já cá faltava o erro, bem sabemos, nós, que Ricardo Reis é sim este homem que está lendo o jornal com seus próprios olhos abertos e vivos, médico, de quarenta e oito anos de idade, mais um que a idade de Fernando Pessoa quando lhe fecharam os olhos, esses sim mortos, não deviam ser necessárias outras provas ou certificados de que não se trata da mesma pessoa, e se ainda aí houver quem duvide, esse vá ao Hotel Bragança e fale com o senhor Salvador, que é o gerente, pergunte se não está lá hospedado um senhor chamado Ricardo Reis, médico, que veio do Brasil e ele dirá que sim (SARAMAGO, 2001, p. 35-36, grifos nosso).

Em tal passagem, Saramago parece ficcionalizar a noção de sobrevivência projetada por Carlos Reis. O personagem Ricardo Reis está despreendido do seu criador original, pois, apesar de noticiada no jornal a morte de Fernando Pessoa e conseqüentemente dos seus heterônimos, Ricardo Reis ainda vive, ressuscitado em outro universo ficcional. Além disso, os comentários do narrador ao afirmar que esse Ricardo Reis tem um ano a mais que Fernando Pessoa e pode ser encontrado circulando pela Lisboa “real”, brincam com o leitor sobre o poder da ficção de fazer sobreviver o dado como morto, tanto é assim que, logo depois, também Fernando Pessoa ressurgirá das cinzas.

Com tal exemplo, também notamos que a participação de Ricardo Reis restringe-se à leitura das notícias do jornal, as demais reflexões e conjecturas são realizadas pelo narrador que, assim, sinaliza a necessidade de ler nas entrelinhas do texto. Ademais, no comentário a respeito da primeira notícia, o narrador alerta nos sobre a desvalorização do escritor português no cenário nacional, pois, por mais que Fernando Pessoa seja o grande escritor do poema “Mensagem”, poucos eram os que falavam disso ou reconheciam-no.



As duas notícias e as intervenções realizadas pelo narrador são necessárias para a figuração do protagonista e da relação entre realidade e ficção, como se “[...] na narrativa, incluindo os diálogos, estivesse submetido à voz comum de um saber original e total, profético e quase divino (isto é, onisciente), que pode, só ele exprimir a relação imanente mais sacralizada do homem com o mundo” (SEIXO, 1999, p. 85). O entrelaçamento da notícia da morte de Fernando Pessoa, algo que realmente aconteceu, com o fato de Reis estar lendo essa notícia, é um indício de que o protagonista pode assumir particularidades resultantes da leitura que Saramago fez do heterônimo e, por isso, ser diferente, em algumas atitudes e maneiras de pensar, daquele criado por Pessoa. Ademais, também podemos pensar que a morte de Fernando Pessoa antes de escrever o falecimento de Ricardo Reis, como ele fez com os outros heterônimos, deixou espaço para a criação ficcional dos últimos dias da “vida” de Reis por parte de Saramago, cuja intenção era, segundo entrevista dada:

[...] confrontar Ricardo Reis, e, mais que ele, a sua própria poesia, a tal que se desinteressava, a que afirmava que o “sábio é aquele que se contenta com o espetáculo do mundo”, com um tempo e uma realidade cultural que, de fato, não tem nada que ver com ele. Mas o fato de ele vir confrontar-se com a realidade de então não quer dizer que ele tenha deixado de ser quem era. Conserva-se contemplador até a última página e não é modificado por essa confrontação (AGUILERA, 2010, p. 280, grifo do autor).

A ficcionalização de Ricardo Reis feita por José Saramago não significa uma independência total do seu outro criador; pelo contrário, no decorrer do romance Pessoa visitará, mesmo estando morto, sua criatura, ocorrendo, assim, também a ficcionalização do autor modernista, que sobrevive no texto saramaguiano. Como exemplo disso, depois de visitar o sepulcro de Pessoa, Reis sente dor de cabeça "como uma falta, um pedaço de cérebro a menos, a parte que me coube" (SARAMAGO, 2001, p. 41), como se tivesse sua identidade fraturada, incompleta. O narrador ironiza a situação de Reis em relação ao falecido: “Passou Ricardo Reis adiante do jazido que procurava, nenhuma voz o chamou, “Pst, é aqui, e ainda há quem insista em afirmar que os mortos falam” (SARAMAGO, 2001, p. 40). No entanto, no decorrer da narrativa, Ricardo Reis e Fernando Pessoa conversam sobre o que está acontecendo na cidade, a vida e as atitudes do protagonista, como se Pessoa fosse a “consciência” de Reis.



A visita de Reis ao cemitério mexe com seus sentimentos e estado de espírito. As sensações de Ricardo Reis diante do túmulo de Fernando Pessoa sugerem o seu envolvimento afetivo, a sua ligação estreita com o falecido (aludindo de modo dúbio à avó de Pessoa como se fosse sua também), ainda que negadas pela justificativa do estômago. Isto é, Ricardo Reis começa a se insinuar como lacunar, dependente da perspectiva do seu criador, como que antecipando o retorno de Pessoa.

Ao mesmo tempo, a consciência da morte de Pessoa parece causar um rompimento com a estabilidade existencial do protagonista, que insinua a possibilidade de autoquestionamento: "Foi como se tivesse caído em si, isto é, para dentro de si caindo, uma queda rápida, violenta, E agora, perguntou, E agora, Ricardo, ou lá quem és, diriam outros" (SARAMAGO, 2001, p. 46). Apesar disso, ele ainda não se aprofunda nos questionamentos nem insiste em obter respostas, como se isso não fosse relevante para ele que está nesse mundo só de passagem.

Permanece a ideia exposta pelo narrador de um Ricardo Reis que olha para si, ainda que não faça reflexões profundas ou tome alguma atitude, o que pode ser percebido pelos momentos em que é cedida a voz narrativa para o personagem. Em alguns momentos, é o seu reflexo no espelho e os versos que escreve que o fazem pensar, e é esse olhar de Reis para si e para sua escrita que abre espaço para o narrador apontar as reações e pensamentos do protagonista, além de tecer comentários que podem ajudar na compreensão de quem é esse Ricardo Reis.

Em Saramago, encontramos um Ricardo Reis que não se modifica ao longo de todo o romance, mantendo sua disciplina vinda do epicurismo e do estoicismo. Na verdade, ele permanece apático e alienado, vive naquele mundo da narrativa, mas parece estar em outro. Como as coisas e os acontecimentos desse mundo não o movem e nem o inquietam, ele segue observando-os passivamente e, por isso, apagando-se ao ponto de acatar serenamente a morte. Há, então, uma refiguração de Ricardo Reis, que, a partir da perspectiva de Saramago, ganha uma outra personalidade que é, afinal, mais alheia que a do "original" (heterônimo de Fernando Pessoa) aos acontecimentos pessoais e histórico-sociais. Entretanto, é relevante lembrar que, mesmo sendo este Reis outro, o discurso narrativo deixa sempre clara a dependência dele em relação àquele criado por Fernando Pessoa, investindo e potencializando também a atitude dialógica e intertextual do leitor.



Assim, o leitor convive com o Ricardo Reis de Fernando Pessoa, com o Ricardo Reis de Saramago, com o Ricardo Reis do narrador, sem falar que o Ricardo Reis (independentemente se pessoano ou saramaguiano), em sua origem como heterônimo, é essencialmente múltiplo; e constitui o seu Ricardo Reis ao envolver-se com todos os anteriores de forma complementar. Essa concepção dinamiza a sobrevida do personagem Ricardo Reis, que não é mais só o heterônimo estoico do poeta português, ou o personagem deslocado do romancista, ou o ironizado pelo narrador perspicaz; é também um outro criado a partir da mistura e conjunção de todos esses, que nasce e vive como consequência de nosso ato de ler e interpretar.

Ao observar as leituras dos dois romances que foram aqui nosso objeto de estudo, percebemos que, apesar de suas diferenças, o plurilinguismo que encontramos, nos dois casos, ativa a sobrevida dos protagonistas, parecendo-nos que são “[...] o que há de mais *vivo* no romance” (CANDIDO et al, 1976, p. 54, grifo do autor). A construção desses dois personagens e a escolha dialógica que alimenta sua sobrevivência é realizada de modo a relativizar o fazer literário em si, atingindo com isso também outros discursos que o nutrem e circundam – principalmente o histórico. É esse o modo pelo qual o autor procura estimular a atividade crítica do leitor, que entra em “curto-circuito” no momento da leitura, respondendo ao estímulo de articulador efetivo da multiplicidade de vozes e significações da obra.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é um pequeno recorte da pesquisa desenvolvida na dissertação de mestrado. Buscou-se realizar a leitura e a análise do romance contemporâneo *O ano da morte de Ricardo Reis*, do escritor José Saramago, atentando para a figuração do protagonista e a construção de sua sobrevida. Partimos da consideração de um ponto significativo da obra: a utilização de um escritor renomado como protagonistas, o heterônimo Ricardo Reis. Tal rememoração acaba sendo uma forma de refigurar parte da vida dessa persona, do contextos histórico-sociais em que está inserido e do papel da literatura portuguesa na construção da (H)história desse país.

A partir da interpretação dessa obra, podemos perceber as diferentes estratégias narrativas utilizadas pelo autor na figuração de seu personagem escritor. Interessante é notar



como tal paralelo permite estabelecer não só afastamentos como também aproximações entre o Ricardo Reis saramaguiano e o pessoano, estendendo suas conexões semânticas e alargando a compreensão dos aspectos em causa na escritura e recepção do texto literário.

O narrador ou suposto autor transfere “[...] as suas intenções de um sistema linguístico para outro”, travestindo “o falar por si na linguagem de outrem, e por outrem na sua própria linguagem (BAKHTIN, 2010, p. 119). Assim, utiliza a voz do outro para expor a sua e oferecer diferentes pontos de vista acerca da história e de si, contribuindo para a própria refiguração individual.

A sobrevida de Ricardo Reis é ativada quando acessamos o plurilinguismo presente na obra, mesclando com os nossos conhecimentos prévios acerca da personagem. A escolha de permitir várias vozes no texto, atreladas às diferentes perspectivas e focalizações, a sobrevivência do protagonista. Isso é pode ser entendido como um modo de relativizar a própria escritura de ficção, atingindo também outros discursos que nele estão presentes e são, muitas vezes, usados como moldura do enredo (como o histórico, por exemplo). Saramago provoca nossa criticidade e nos faz entrelaçarmos com a diegese e os múltiplos significados dela.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Fernando G. (Org). *As palavras de Saramago: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução Aurora Bernardini et al. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

D’OONOFRIO, Salvatore. *Forma e sentido do texto literário*. São Paulo: Ática, 2007.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Tradução de Fernando Cabral Martins. 3. ed. Lisboa: Vega, 1995.

NÜNNING, Ansgar. On the perspective structure of narrative texts: steps toward a constructivist narratology. In: PEER, Willie Van e CHATMAN, Seymour. *New perspectives on narrative perspective*. New York: Satate University of New York Press, 2001. p. 207-223.
REIS, Carlos. A sobrevida das personagens. In: _____. *Estudos narrativos: estado da questão e a questão da personagem. Figuras da ficção*, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade



de Coimbra, 2012. Disponível em: <<https://figurasdaficcao.wordpress.com/2012/09/23/a-sobrevida-das-personagens-1/>>. Acesso em: 20 jan 2015

_____. Pessoas de livro: figuração e sobrevida da personagem. In: REIS, Carlos; HENRIQUES, Marisa das Neves. *Revista de Estudos Literários: Personagem e Figuração*. Centro de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, n. 4, 2014, p. 43-68.

SARAMAGO, José Saramago. *O ano da morte de Ricardo Reis*. 1. ed. 9. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SEIXO, Maria Alzira. *Lugares da ficção em José Saramago: o essencial e outros ensaios*. Lisboa: INCM, 1999.